

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EDUCACIONAL
MODALIDADE À DISTÂNCIA**

**AS QUESTÕES EDUCACIONAIS QUE AFETAM O
COTIDIANO DO PROFESSOR**

ESPECIALISTA EM GESTÃO EDUCACIONAL

José Eduardo Brum de Albuquerque

**Tio Hugo, RS, Brasil
2010**

AS QUESTÕES EDUCACIONAIS QUE AFETAM O COTIDIANO DO PROFESSOR

José Eduardo Brum de Albuquerque

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação Especialização em Gestão Educacional na modalidade à distância no Polo de Tio Hugo, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para a obtenção do grau **Especialista em Gestão Educacional.**

Orientadora: Profa. Ms. Leila Adriana Baptaglin

**Tio Hugo, RS, Brasil
2010**

**Universidade Federal de Santa Maria
Curso de Especialização em Gestão Educacional
Modalidade à Distância**

**A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a Monografia de
Especialização em Gestão Educacional**

**AS QUESTÕES EDUCACIONAIS QUE AFETAM O COTIDIANO DO
PROFESSOR**

elaborada por
José Eduardo Brum de Albuquerque

Como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em Gestão Educacional

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Ms. Leila Adriana Baptaglin (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Profa. Ms. Maiane Liana Hatschbach Ourique (UFSM)
(Membro)

Prof. Dr. João Luis Pereira Ourique
(Membro)

Tio Hugo, 10 de Novembro de 2010.

Talvez não tenhamos conseguido fazer o melhor,

Mas lutamos para que o melhor fosse feito.

Não somos o que deveríamos ser,

Não somos o que iremos ser,

Mas, graças a Deus,

Não somos o que éramos.

Martin Luther King

RESUMO

Monografia para Especialização

Programa Curso de Pós-Graduação em Educação Modalidade à distância
Universidade Federal de Santa Maria

AS QUESTÕES EDUCACIONAIS QUE AFETAM O COTIDIANO DO PROFESSOR

AUTOR: José Eduardo Brum de Albuquerque

ORIENTADORA: Profa. Ms. Leila Adriana Baptaglin

Data e Local de defesa: Tio Hugo, 10 de Novembro de 2010.

Este trabalho monográfico apresenta uma revisão bibliográfica sobre os problemas que afetam o cotidiano do professor de escola pública. O trabalho é resultado da pesquisa literária e também da observação e da vivência das questões relacionadas ao assunto. Através deste trabalho, podemos perceber que são muitos os problemas que afetam o cotidiano dos profissionais do magistério. Entretanto, cinco temas mereceram uma atenção especial pela sua relevância atual: contexto social, valorização profissional, saúde do professor, qualificação profissional e eleição para diretor. Os cinco itens destacados são, conforme a literatura pesquisada, algumas das principais preocupações do profissional que trabalha com a educação, e por isso afetam diretamente a vida do educador e, conseqüentemente, acabam por afetar a qualidade da Gestão Escolar. A solução para os problemas do professor está longe de ser equacionada e passa, necessariamente, pela mudança de postura do próprio profissional de educação através da sua autovalorização, assumindo desta forma seu protagonismo. Passa também pela reflexão de gestores sobre o seu real papel no contexto educacional e principalmente pela revisão urgente das Políticas Públicas para a educação por parte dos governos Federal, Estadual e Municipal.

Palavras-chave: Problemas do cotidiano escolar, Professor, Gestão Escolar.

ABSTRACT

EDUCATIONAL ISSUES AFFECTING DAILY LIFE OF THE TEACHER

AUTHOR: José Eduardo Brum de Albuquerque

GUIDANCE: Profa. Ma. Leila Adriana Baptaglin

Date and Place of defense: Tio Hugo, 10 de novembro de 2010.

This monograph presents a review about the most common problems that affect the daily lives of public school teacher. The work is the result of literary research as well as observation and experience of issues related to the subject. Through this work, we realize that there are many problems that affect the daily lives of professional teachers. However, five themes deserve special attention for its current relevance: social context, professional development, health, teacher's qualification and election of directors. Nowadays, the five items posted are the main concerns of workers who work with education and directly affect the lives of educators and thus, ultimately affect the quality of education. The solution to the problems of the teacher is far from being cleared and inevitably passes by the change of attitude of the educators through their self-worth, assuming their leaderships. It also passes by the reflection of managers and directors about their precise role in educational context and mainly, by the urgent review of public policies for education by federal, state and municipal levels.

Key-words : Problems of everyday school life. Teacher. School Management.

LISTA DE ABREVIATURAS

IDH- Índice de Desenvolvimento Humano

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

OECD - Organization for Economic Co-Operation and Development

OIT - Organização Internacional do Trabalho

PISA - Program for International Student Assesment

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
1.1 Identificação e Justificativa do problema de Pesquisa.....	11
1.2 Objetivos	12
1.2.1 Objetivo Geral	12
1.2.2 Objetivos Específicos.....	12
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
2.1 O professor e a realidade social.....	13
2.2 Valorização profissional e salários	19
2.3 A saúde do professor.....	25
2.4 Qualificação profissional.....	29
2.5 Política e democracia	34
3 METODOLOGIA.....	38
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	43

1. INTRODUÇÃO

A profissão de professor é uma das mais fascinantes, se não a mais fascinante das atividades que um homem pode exercer. Falo isto pela experiência obtida a mais de 18 anos como professor em escolas públicas, privadas e por ter conseguido, ao longo deste tempo, trabalhar com os mais variados tipos de alunos, desde crianças de educação infantil, passando por adolescentes das séries iniciais e ensino médio e também por adultos do ensino superior. Pude através desta experiência, sentir o quão fascinante é poder oferecer a essas pessoas qualidade e dedicação, e mais fascinante ainda é quando podemos ver nos olhos desses alunos a gratidão e o reconhecimento estampados.

Logo no início de minha carreira como professor, pude perceber que havia feito a escolha profissional certa, pois os desafios e as exigências diárias que caracterizam a atividade dos docentes me fascinaram de tal forma, que não restaram mais dúvidas do que eu realmente queria ser daquele dia em diante.

Ao longo da carreira como docente, também percebi o quanto é fácil para um profissional desta área, ser acometido pelo desânimo, apatia e desinteresse pela sua atividade. São tantas as mazelas, as injustiças, o desrespeito e a indiferença pelo trabalho realizado, que o professor com alguns anos de carreira começa a refletir sobre as suas práticas e sobre sua postura como pedagogo, questionando desta forma sobre o seu real papel dentro da sociedade.

Falar sobre a problemática do professor e do contexto no qual ele está inserido não é uma tarefa das mais tranquilas de se realizar. São tantas as mazelas do sistema público de educação do nosso país, que adentrar neste terreno tão árido, torna-se uma missão das mais espinhosas. A educação brasileira, ao longo dos anos, vem dando sinais claros de que algo não está funcionando tão bem.

Os sinais da falência do ensino público brasileiro são evidentes e podem ser comprovados *in loco*. Basta uma rápida inspeção em algumas escolas públicas pelo Brasil afora, que o visitante, mesmo sendo um leigo em assuntos educacionais, constata algumas das razões para o colapso da educação básica brasileira. Escolas sem bibliotecas adequadas e acervos que não condizem com o número de alunos; laboratórios de informática que, quando existem, muitas vezes não têm terminais suficientes para receber uma turma de 30 alunos ou então não têm acesso à rede mundial de computadores (internet). Muitas vezes, tais salas não

dispõem de um profissional habilitado em informática e educação com tempo integral na escola para oferecer o suporte mínimo ao professor e aos alunos. Soma-se a isso, a falta de laboratórios de ciências, salas de aula mal cuidadas, refeitórios improvisados, quadras de esportes sem ao menos um piso descente para a prática esportiva, além de outros problemas de caráter material.

Aquele que realizar uma visita à escola pública poderá constatar que, além destas questões de estrutura física, possivelmente esta escola não conta com profissionais adequados para dar o suporte necessário ao professor em sala de aula, como por exemplo, assistentes sociais, psicólogos, bibliotecários, que estejam disponíveis na escola para as eventuais necessidades de professores e alunos. Ainda nesta pequena inspeção, o visitante poderá em poucos minutos perceber que as relações pautadas pelo respeito, pela ética e pela disciplina já sucumbiram ao desmando, ao desrespeito e à falta de referência do que seja certo nas relações interpessoais. Mas, se por um acaso, o cidadão comum não dispor de tempo para visitar a escola de seu bairro, ele pode recorrer aos números e estatísticas sobre a educação brasileira publicadas por órgãos confiáveis e que, infelizmente, tornam o quadro ainda mais dantesco. Os mais variados testes nacionais (Prova Brasil, SAEB, etc.), e internacionais (PISA) não deixam dúvidas de que se o Brasil fosse um grande hospital, seu sistema educacional estaria na UTI.

O Brasil, quando testado internamente em sua educação, não consegue sair da média sofrível, que varia de quatro a cinco pontos em uma escala de 10. Já nos testes internacionais, conseguimos a façanha de sermos superados por países menos privilegiados sob o ponto de vista geográfico, histórico e econômico, uma vez que somos sempre cadeira cativa nos últimos lugares.

Existem várias questões que podem ser elencadas como justificativa para o fracasso da educação brasileira: estrutura material defasada, profissionais sem qualificação adequada, gestores despreparados para o exercício da função, pais e alunos sem o devido comprometimento, desvalorização profissional em relação aos professores são alguns destes motivos. Entretanto, as razões elencadas são frutos, na verdade, de políticas educacionais inadequadas que colocam não somente aos professores, mas também a todos os envolvidos no processo educacional, em contradição com aquilo que se tem como ideal em termos de qualidade para a educação, comprometendo desta forma, a nação como um todo.

Sobre a inadequação de políticas educacionais, LOMBARDI et al (2003, p.232) afirma que:

No âmbito organizativo e institucional, a educação básica, de direito social de todos, passa a ser cada vez mais encarada como um serviço a ser prestado e adquirido no mercado ou pela filantropia. As apelativas e seqüenciais campanhas de “adote uma escola”, “padrinhos da escola”, “amigo da escola”, e, agora, “voluntariado”, explicitam a substituição de políticas efetivas por campanhas filantrópicas. Passa-se a imagem e instaura-se uma efetiva materialidade de que educação fundamental e média, não necessita de profissionais qualificados, mas de professores substitutos e voluntários.

Tal afirmação corrobora com a ideia de que as políticas públicas ineficazes patrocinadas por sucessivos governos, também são causas para uma educação ineficiente, além de afetar diretamente no cotidiano dos professores.

1.1 Identificação e Justificativa do problema de Pesquisa

A razão pela qual este trabalho esta sendo realizado é que, ao falar sobre os principais problemas que afetam a carreira do professor, igualmente falarei sobre algumas das dificuldades da educação em nosso país e, principalmente, sobre minha experiência pessoal como professor em escola pública. Ao contrário do que aqueles que não são do meio educacional possam pensar, os professores não têm conseguido conquistar um espaço para pesquisar sobre os próprios problemas e muito menos verbalizá-los de uma forma independente e fora do ambiente informal de sala de aula e sala dos professores. Desta forma, os problemas relacionados à educação e ao professorado em geral, se amontoam e cada vez mais se distanciam de uma solução satisfatória.

Este trabalho tem como objetivo também, abordar as questões que levam o professor atual a este quadro de completa desolação e desgaste, tanto físico como emocional, e que vem ao longo dos anos sendo negligenciado por gestores e governantes. Tal descuido tem como consequência, além de ceifar a sociedade de algumas mentes mais talentosas para o magistério, também de estreitar a possibilidade de uma educação de qualidade no Brasil, uma vez que aqueles que mesmo mais capacitados e com oportunidades em outras áreas, insistam por vocação ou por insistência mesmo, se aventurar na carreira do magistério, logo são tomados pelos sentimentos de frustração, desânimo e apatia, que resultam muitas vezes no

abandono da carreira, acarretando prejuízos sociais e econômicos difíceis de serem mensurados.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Este trabalho tem como objetivo identificar e analisar as principais mazelas educacionais que afetam diretamente a prática pedagógica do professor e os efeitos nefastos que tais vicissitudes acarretam para o escopo social.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Elencar as principais causas que afetam negativa e diretamente o professor e sua prática pedagógica;
- Analisar tais causas que afetam o professor e o seu cotidiano e de que forma elas contribuem para o fracasso do processo educacional como um todo.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O professor e a realidade social

- Reunião de pais

O clima estava um tanto quanto tenso, afinal aquela reunião de pais e mestres da 6ª série do turno noturno da Escola Gabriel Barreto Marcondes, fora acertada com o intuito de resolver problemas gravíssimos de indisciplina que haviam se instalado naquela classe. A escola está exilada de tudo. Ela se localiza em um bairro relativamente populoso da cidade, mas se encontra isolada geográfica e culturalmente do resto da cidade. Os moradores atuais são frutos de invasões desordenadas de outrora que foram jogados no referido bairro e esquecidos pelo poder público. Reuniões em demasia não podem dar muito certo, já dizia Washington Olivetto. Aquela por sinal, até que se desenrolava com uma relativa calma, tendo em vista a dimensão do problema enfrentado.

A direção deu início aos trabalhos elogiando a participação dos pais que se dispuseram a comparecer. Em seguida, alguns professores puseram-se a discorrer sobre os problemas correntes da turma em questão. Tudo isto, acompanhado pelo olhar impávido dos pais presentes que pareciam compreender tudo que estava ocorrendo. O momento seguinte foi dedicado aos pais, para que expusessem seus questionamentos, sendo que alguns assim o fizeram demonstrando que estavam imbuídos dos sentimentos mais elevados de construção de uma solução pacífica para o *quiproquó* que seus rebentos haviam protagonizado. Tudo realmente corria muito bem. Bem até demais.

Lá pelas tantas, um pai que ainda não se manifestara, pediu a palavra. Disse ele em alto e bom tom, para que não restassem dúvidas de suas intenções:

- Quando chegar em casa, vou dar de facção neste guri, para ele aprender.

O clima ficou tenso. O professor de geografia coçou a cabeça, a professora de história engoliu de uma vez só a bala que ela havia desembulhado e colocado na boca segundos atrás, a coordenadora pensou em talvez falar algo engraçado ou até mesmo contar uma piada, coisa que ela nunca fez na vida, para ver se o impacto da declaração se dissipava no meio de algumas gargalhadas. Mas, foi a mãe do rebento e esposa do pai que nos bombardeou tal qual um míssil *exocet* que, intrometendo-se na conversa sentenciou, tal qual uma embaixatriz, uma diplomata, uma baronesa:

- Você não pode fazer isso. Tu não pode agir desta forma com o menino.

Aquilo soou como uma sinfonia para os nossos ouvidos. Tal declaração arrefeceu nossos espíritos de tal forma que era quase impossível esconder a nossa satisfação. Afinal de contas, tudo aquilo que apregoávamos em relação à construção de uma relação dialógica entre pais alunos e professores acabara de se concretizar naquele instante. O bom senso, o diálogo, a urbanidade, enfim os sentimentos mais nobres que pautam o fazer pedagógico, estavam presentes ali naquela frase. Pensamos até em dar por encerrada a reunião, pois tínhamos certeza que os objetivos haviam sido atingidos na sua forma mais plena. Entretanto, a mãe ainda tinha coisas a declarar, e assim ela o fez:

- Você não pode dar de facção no guri. Mas eu tenho lá um fio desencapado que se tu dobrar ele, eu te garanto que ele nunca mais vai fazer estas coisas na escola.

Como se pode imaginar, retomamos a reunião que se alongou por muitas e muitas horas. (texto do autor)

O pequeno relato apresentado ajuda a entender um pouco mais sobre o contexto no qual está inserida a escola pública do Brasil nos dias de hoje. A falta de investimento na educação, o ambiente social degradado é característico na maioria das escolas, poucas horas de estudos por parte dos alunos, pais que não acompanham devidamente a vida escolar de seus filhos, são alguns dos problemas que fazem parte da realidade da maioria das escolas públicas brasileiras. Neste contexto está presente aquele que é um dos pilares de uma educação de qualidade: o professor.

Todos sofrem com uma organização educacional cambaleante e que não atende aos propósitos básicos da educação. Entretanto, o professor possivelmente sofra mais com toda essa problemática, uma vez que muitos destes problemas acabam por aflorar no dia a dia da sala de aula.

O mundo passa por mudanças tecnológicas e conceituais que se processam de uma forma vertiginosa. O advento de novas tecnologias faz com que mudanças que outrora levariam décadas para se efetivarem, hoje em dia se processam em alguns meses e muitas vezes em dias. Conceitos que em um passado não muito distante eram considerados pétreos, hoje caem por terra. Informações guardadas a sete chaves pelos antes detentores do poder intelectual, hoje estão disponíveis nas enciclopédias eletrônicas (Wikipédia) e acessíveis a qualquer um que possua uma conexão com a rede mundial de computadores.

O relativismo nunca esteve tão em moda como agora. A sociedade contemporânea passa por modificações tão profundas, que somente o tempo será capaz de dimensionar tais mudanças. Certamente, os livros didáticos do futuro apontarão este início de milênio como um período de grande transformação da humanidade.

Todos os seres vivos fazem parte desta revolução e o professor vive intensamente este processo, dado às peculiaridades de sua prática profissional e principalmente pelas responsabilidades que lhes são atribuídas. Inevitavelmente, a combinação de uma estrutura educacional caótica, carente de quesitos básicos para o seu funcionamento e uma sociedade em constante transformação, geram conflitos outrora poucas vezes sentidos ou percebidos por aqueles que trabalham com a educação. O papel do professor tem sido constantemente questionado na sua importância. Tais questionamentos e agressões têm desencadeado um quadro de incertezas e conflitos para o profissional da educação, afetando a saúde física e

mental daqueles que justamente têm como uma das atribuições, contribuir para a formação do cidadão e de uma sociedade mais humana.

Conflitos em sala de aula, indisciplina, notas abaixo da média, baixo rendimento escolar, são questões que caracterizam a atividade docente e são inerentes à profissão. Se alguém quer ser um advogado, tem que estudar leis; se quiser ser um engenheiro, tem que dominar a matemática. Caso alguém queira ser um cirurgião, não pode temer a visão do sangue humano. Para ser um professor, o profissional tem que enfrentar questões próprias desta atividade. O problema é que o novo modelo social que se delineia, está trazendo questões que outrora não eram tão comuns em uma sala de aula, cabendo ao professor muitas vezes, a responsabilidade pela solução desses problemas, com o agravante de que a maioria destes profissionais não está preparada para equacionar os mesmos. Estresse, depressão, Síndrome de Burnout são algumas das consequências desta carga desmedida que o professor atual carrega, além dos livros, do giz e apagador.

Um dos mitos mais comuns que se ouve sobre educação é o de que uma educação de boa qualidade é a solução, é o caminho para o crescimento e desenvolvimento de um país. Normalmente, tal frase antecede alguma eleição ou algum evento de inauguração que envolve uma obra diretamente ligada à escola ou à educação. Não há dúvida de que uma educação de qualidade é essencial para que qualquer nação possa se desenvolver e, por fim, proporcionar melhor qualidade de vida aos cidadãos. Entretanto, não podemos imaginar que tão somente a educação de boa qualidade possa ser o elemento único de progresso de um país e, tão pouco, que ela possa existir sem que outras questões avancem significativamente.

Existem outros fatores tão importantes quanto à educação que devem ser priorizados como a saúde, o saneamento, a moradia, distribuição de renda, uma vez que não podemos valorar e priorizar determinadas áreas em uma escala linear de valores, pois não é assim que funciona o mecanismo de desenvolvimento de uma nação. Se a afirmação de que apenas a educação é a solução para os problemas de um país, nossos vizinhos Uruguai e Argentina seriam nações de destaque no mundo, pois ostentam bons indicadores educacionais. Por outro lado, países com economias mais pujantes como os Estados Unidos e a Espanha, já tiveram desempenhos acanhados em alguns testes internacionais, sendo que os Estados Unidos em especial, passam por uma séria crise educacional. O fato é que a educação depende de outros elementos para que possa ter resultado. A educação e, por conseguinte a própria escola, não pode ser isolada do contexto que à cerca.

É difícil imaginar uma escola de alta qualidade em um meio social deteriorado. O papel do professor em sala de aula torna-se cada vez mais árduo à medida que as comunidades mais carentes, onde atuam as escolas públicas, passam a ser esquecidas pelo poder público. Como falar em respeito e dignidade para pessoas que se amontoam em casebres minúsculos e dormem amontoados, se o Estado não tem uma política habitacional adequada. Como falar em higiene para alunos que moram na beira de esgotos fétidos e convivem com animais transmissores de doenças todos os dias, se o Estado esqueceu-se de adotar uma política de saneamento básico. Como falar em respeito pelo corpo, se meninas inocentes buscam a prostituição como modo de ganhar seu sustento, já que o Estado não fornece assistentes sociais que orientem adequadamente essas jovens sobre o que vem a ser a prostituição e sobre todos os elementos que envolvem a descoberta da sexualidade. Como pedir a um aluno que faça o seu melhor, se ele tem no seu meio familiar o exemplo de que de nada adianta o estudo, pois seus pais e irmãos mais velhos por mais que tenham tentado, não conseguiram mais do que subempregos, uma vez que a escola pública que ele frequenta e que seus pais e irmãos frequentaram, não é páreo para os bem-nascidos que estudam em escolas particulares e, conseqüentemente, galgam os melhores postos de trabalho. Como pedir a um estudante de periferia que não enverede para o caminho das drogas, se na comunidade em que ele vive não tem sequer uma opção saudável de lazer e de cultura. Como pedir aos pais que interfiram de uma forma pedagógica e tomem a rédeas das vidas de seus filhos, se eles não têm sequer as rédeas de seu próprio destino, já que estão igualmente jogados à própria sorte.

Todas essas questões acabam por aflorar no dia a dia de uma sala de aula tendo o professor, a difícil tarefa de buscar soluções para aquilo que muitas vezes está muito longe de seu alcance e de sua capacidade como educador.

A concepção de que a educação depende de condições sociais adequadas para que realmente se concretize está contemplada em vários documentos e encontros importantes sobre educação. A declaração de Jomtien na Tailândia no seu cap. VI dos compromissos assumidos, ressalta:

A aprendizagem não ocorre em situação de isolamento. Portanto, as sociedades devem garantir a todos os educandos assistência em nutrição, cuidados médicos e o apoio físico e emocional essencial para que participem ativamente de sua própria educação e dela se beneficiem. Os conhecimentos e as habilidades necessários à ampliação das condições de aprendizagem das crianças devem estar integrados aos programas de educação comunitária para adultos. A educação das crianças e a de seus pais ou responsáveis respaldam-se mutuamente, e esta interação deve ser usada

para criar, em benefício de todos, um ambiente de aprendizagem onde haja calor humano e vibração.

Ao analisarmos a lista dos países mais bem colocados nos últimos testes do PISA (Program for International Student Assessment), programa de avaliação patrocinado pela OECD (Organization for Economic Co-Operation and Development), podemos constatar que não é por acaso que estes mesmos países aparecem nas primeiras posições no que diz respeito ao índice de desenvolvimento humano (IDH). O IDH é uma medida comparativa que engloba três dimensões: riqueza, educação e esperança média de vida. Trata-se da maneira padronizada de se avaliar e medir o bem-estar de uma população. Esta relação mostra mais uma vez que existe sim uma relação entre qualidade de vida e educação, sem que necessariamente uma seja resultante da outra, uma vez que são variáveis que se complementam.

De acordo com o professor José Márcio Camargo Almeida, professor titular do departamento de economia da Pontifícia Universidade Católica em seu artigo intitulado “Human Capital Investment and Poverty” (ALMEIDA, 1994.), as famílias pobres ao se depararem com a baixa qualidade de ensino, tendem a dar pouca atenção à educação dos filhos. O menor investimento no capital humano dos filhos pelas famílias mais pobres pode criar um ciclo vicioso, pois como esta decisão implica na permanência da pobreza dos filhos no futuro, dada a baixa qualidade da mão de obra (e dos salários), ao lidarem com o mesmo problema, tenderiam a tomar a mesma decisão sobre seus filhos, perpetuando assim a pobreza.

As comunidades que habitam as cercanias da maioria das escolas públicas de periferia padecem diante das mudanças frenéticas do mundo moderno e sofrem com a ausência e a omissão do Estado em relação aos seus problemas. Durkeim (1984, pg.162), cunhou o termo “Sociedade Anômica” para definir que algo na sociedade não funciona de forma harmônica. Anomia é, na verdade, um estado de apatia e perda de identidade diante de uma sociedade em constante mudança. A sociedade do final do século XIX passava por profundas mudanças, onde velhos conceitos caíam por terra e novos valores eram firmados como paradigmas. Toda esta volatilidade tinha como uma das consequências uma legião de excluídos que viviam em condições de miserabilidade, participando de forma inconsciente dos processos sociais.

Tal panorama se repete nos dias de hoje com as comunidades que habitam o entorno da maioria das escolas públicas. As comunidades, em face do abandono, do descaso da sociedade e do Estado, são acometidas do mesmo estado de paralisia social. O isolamento social deixa sequelas profundas nas escolas e no cotidiano do professor na sala de aula, uma vez que acaba por gerar excluídos com reflexos negativos para a sociedade como um todo.

A concepção de uma educação baseada não só na melhoria da escola, mas de toda comunidade na qual ela esta inserida, não é assimilada pelos governos tanto na esfera Federal, Estadual e Municipal, uma vez que uma política educacional de tal magnitude demanda uma gama de recursos financeiros que muitas vezes nenhum desses três níveis de governo estão dispostos a despende, seja pelo fato de desconhecerem tais orientações, ou ainda, pelo descaso e a falta de compromisso com as comunidades mais carentes e com uma educação de qualidade.

Torna-se urgente a readequação das políticas públicas e educacionais que tenham como objetivo atender às comunidades menos favorecidas nas suas necessidades estruturais mais elementares, além é claro, de contemplar as suas necessidades educacionais. Cabe ao professor, através de leituras, cursos de aperfeiçoamentos, participação em fóruns e seminários, se interar destas diretrizes e orientações e a partir desta interação, se organizar junto a sua associação ou sindicato, tornando-se um elemento de pressão junto às direções de escolas e secretarias de educação, cobrando daqueles que detêm as chaves do cofre a disponibilidade de recursos e a ampliação da atuação do Estado nas comunidades que abrigam as escolas públicas, uma vez que esta cobrança trará como resultado, a melhoria das suas condições de trabalho em sala de aula, refletindo positivamente na sua autoestima e na sua satisfação pessoal e profissional.

2.2 Valorização profissional e salários

O professor José Maria

- *Quem conhece um professor de Chinês?*

A pergunta inicialmente nos causou estranheza. Apesar de estarmos em uma Escola de Idiomas em uma cidade que atraía certo número de estrangeiros de diferentes países, nunca antes tivéramos a necessidade de um professor de Chinês. A coordenadora prostrada diante dos professores repetiu a sua pergunta deixando transparecer neste segundo momento, certo ar de desânimo; afinal de contas, encontrar alguém que falasse chinês já seria uma tarefa das mais complicadas, mas alguém que pudesse ensinar Chinês? Francamente é de desanimar qualquer diretor de Escola de Idiomas. Mas não é que tinha! Do fundo da sala ouvimos uma voz um tanto quanto abafada que beirava um sussurro.

- *Eu conheço um professor de Chinês!*

Era o professor José Maria. O professor Zé, como costumava ser chamado, era um autodidata (ao menos era o que ele dizia). Oficialmente ele era o professor de Espanhol, mas havia boatos que ele destilava sua verve em mais dois ou três idiomas e certas ocasiões, já havia se aventurado em outras áreas do conhecimento, como a Matemática, a História e inclusive nas áreas da Metafísica, Ocultismo... e, dizem as más línguas, que ele fora visto dando consultas astrológicas. O que, convenhamos, parecia ser um exagero e uma maldade. Com esta versatilidade de dar inveja a um pato (o mais versátil dos bípedes emplumados), não era de se estranhar que o professor Zé pudesse conhecer um professor de Chinês, afinal de contas: experiência e horas de rodagem não lhe faltavam.

A coordenadora abriu um sorriso de satisfação. Seus problemas haviam terminado ali, uma vez que Zé conhecia um professor, e naquela altura do campeonato coisas como currículo, experiência e formação haviam se tornado tão secundárias que a única coisa que lhe ocorreu perguntar ao professor José Maria, foi o nome do futuro professor de Chinês daquela escola.

- *Sou eu. Respondeu ele.*

Aquilo foi demais não só para a coordenadora, mas também para os demais professores ali reunidos. Não sabíamos se aquilo se tratava de um arroubo de arrogância, autossuficiência ou se realmente o professor Zé era capaz de mais esta proeza. Ensinar Chinês. Não tínhamos muita intimidade com o professor, mas o mais próximo que o Zé tinha se aproximado da milenar cultura, foi quando ele fora flagrado no restaurante do Ming, que fica em frente à escola, atracado num prato de Frango à Xadrez. Se bem que nem isso poderia servir de referência, já que Frango à Xadrez é um prato típico do Japão e o Ming nem chinês era.

As linhas glabellares da coordenadora – aquelas rugas entre as sobrancelhas – se avolumaram. A intrepidez do professor José Maria havia aturrido a todos os presentes. Ninguém sabia na verdade o que fazer ou dizer. A coordenadora estava em uma encruzilhada na sua carreira de gestora. Se recusasse os préstimos do professor Zé, poderia feri-lo no seu âmag, bem lá no fundo de sua alma. Se aceitasse, sabe Deus o que poderia acontecer com os incautos futuros candidatos a falantes da língua de *Mao Tse-Tung*. A situação ficou insustentável.

Dias depois, soubemos que para o bem da escola, dos futuros alunos e da língua Chinesa, o curso fora cancelado. Soubemos também que a coordenadora estava lançando um curso de Norueguês e que o professor Zé Maria já havia se candidatado para a vaga. (texto do autor)

O pequeno extrato acima ajuda-nos a entender de uma forma mais amena, um pouco mais sobre o perfil do professor atual. Embora se trate de um relato verdadeiro, o mesmo não deve servir de parâmetro para generalizações ou conclusões mais profundas. De acordo com o estudo exploratório promovido pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) que teve como base o Censo Escolar de 2007, pesquisando um universo de 1.882.961 professores de educação básica no Brasil (Creches, Pré-Escola, Ensino Fundamental Anos Iniciais, Ensino Fundamental Anos Finais, Ensino Médio e Educação Profissional) e que também levantou outros dados sobre o professorado brasileiro, tais como: sexo, raça, idade e graduação, concluiu que o perfil do professor brasileiro é de um profissional do sexo feminino, de cor não declarada ou branca, com idade em média de 30 anos, nível superior de escolaridade, tendo a área de formação, a pedagogia e a ciência da educação, e na média possui 35 alunos por turma que leciona. Alguns dados interessantes sobre a formação do professor foram apurados. Através da pesquisa constatou-se 1.288.688 professores com formação superior (68,4% do total) e destes, 1.160.811 possuem licenciatura. Dos professores com nível médio, 82,1% cursaram o ensino médio/magistério. Existem ainda os professores que complementaram o ensino fundamental ou médio, mas não têm habilitação para o exercício do magistério, formam um contingente de 119.323 professores (6,3%). Os professores que cursaram apenas o ensino fundamental perfazem um total de 15.982 (0,8%).

Estudos como esse, trazem dados importantes sobre o professorado brasileiro, mas muitas vezes, não conseguem espelhar o dia a dia de um docente brasileiro, suas dificuldades profissionais e, tão pouco, conseguem refletir como o professor se sente não só como profissional, mas também como ser humano. Ao acompanharmos mais de perto a rotina de um professor de escola pública é perceptível que o professor brasileiro passa por uma crise de identidade, gerada pela sua atual condição profissional.

Facci (2004, pg. 28), acrescenta que:

A crise de identidade vivida pelo professor está relacionada com o status que a profissão ocupa no nível social. Os professores recebem baixos salários, seu trabalho nem sempre é valorizado pela sociedade e está havendo uma precariedade em sua formação profissional.

Existem questões relacionadas à vida profissional do professor, que muitas vezes não são mensuráveis em pesquisas ou entabuladas em dados, em virtude de suas especificidades.

São questões cotidianas e muitas vezes de caráter pessoal que, por vezes, são difíceis de serem transformadas em números, e por isso não são trazidas à tona e muito menos debatidas.

A questão profissional do professor brasileiro é tão ou mais complicada quanto às demais questões que envolvem o ensino nacional. Existem muitas variáveis que podem ser discutidas e debatidas no que diz respeito à valorização do docente. Entretanto, uma das mais discutidas, é a questão salarial. Não é de hoje que este assunto tem se constituído em uma das maiores dificuldades para aqueles que adentram no magistério e para aqueles que já são professores há mais tempo. Apesar da tentativa de alguns economistas que se aventuram na educação, de tentar convencer os demais que a situação salarial do professor brasileiro não é das piores, o dia a dia de quem vive com o salário de professor e os números são contundentes, mostrando justamente o contrário.

O debate sobre a questão salarial do docente brasileiro muitas vezes é pautado por opiniões e números que, se analisados mais profundamente, não condizem com a realidade que ora se apresenta. O economista e articulista Gustavo Ioschpe nos fala em entrevista na revista eletrônica Educar para Crescer (2008) que, “o aumento salarial não traz melhorias significativas na qualidade da educação”.

Inicialmente, poderíamos partir para a discordância em relação a essa afirmação. Entretanto, alguns fatos e alguns dados nos levam a concordar com o economista, uma vez que vários são os serviços públicos em que o servidor é muito bem remunerado e nem por isso presta um serviço de qualidade. Corrobora com o pensamento do economista, o fato de que houve um aumento salarial em algumas regiões do Brasil, sem que isso tenha refletido na qualidade da educação. O problema da teoria posta pelo economista e daqueles que se alinham a esta linha de pensamento é que a questão salarial não está necessariamente vinculada à melhoria da qualidade de ensino, uma vez que esta depende de outros fatores e não apenas de um aumento substancial de salário. Quando se reivindica um salário melhor ao professorado é porque simplesmente qualquer pessoa, inclusive os professores, querem ter um ganho que satisfaça as suas necessidades básicas como transporte, moradia, educação, lazer, e que infelizmente não é possível com os salários oferecidos aos docentes brasileiros.

Não podemos ter como base comparativa, o salário mínimo ou o salário recebido por outra categoria profissional tão ou mal remunerada quanto o professorado, uma vez que tal comparação apenas deixa claro o quanto o salário mínimo praticado no Brasil é baixo, e não

que o salário do professor seja adequado as suas necessidades. Existem vários padrões de comparação que podem servir de parâmetro para efetivamente avaliar a condição salarial do professor e que nos dão uma visão aproximada de quão difícil é decidir pela carreira do magistério no Brasil se o critério for a questão salarial.

Existem vários estudos estatísticos que comprovam se determinada pessoa ou categoria recebe um salário que satisfaça suas necessidades. Uma das formas mais confiáveis e mais simples de entender é aquela que faz a comparação do seu salário com o respectivo poder de compra, se comparado, por exemplo, com outros países ou outras realidades.

Outra maneira confiável são os estudos comparativos entre vários países, onde mostram o valor recebido em dólares por cada docente dos países pesquisados. No ano de 2008, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) publicaram um estudo realizado em vários países e estabeleceram um ranking dos salários dos professores nestes países. Para o nosso desconforto, ficamos em antepenúltimo lugar com um salário anual de U\$ 4.818,00, superando apenas a Indonésia e o Peru com os salários de U\$ 1.624,00 e U\$ 4.752,00 anuais respectivamente. Neste mesmo estudo, fica evidente o descaso com a questão salarial do professor, uma vez que ficamos muito atrás de países vizinhos como a Argentina (U\$ 9.857,00 anuais) e superados em quase seis vezes por países europeus como a Alemanha (U\$ 30.000,00 anuais).

O governo Federal, recentemente estabeleceu um piso salarial para os professores de R\$ 1.024,00 por 40 horas semanais. O estabelecimento do referido piso tem sido celebrado como uma conquista, principalmente por parte do governo federal que justifica sua euforia com o argumento de que nunca antes os professores tiveram tais ganhos. Entretanto, a medida do governo só comprova o quanto os professores encontram-se fragilizados e desprotegidos, uma vez que a própria lei se torna paradoxal, pois ela oferece um piso que está muito abaixo das necessidades não só de um professor, mas de qualquer outro trabalhador e por uma carga horária incompatível com a função de professor. A concepção de 40 horas semanais como carga horária do docente, concorre diretamente para o decréscimo de qualidade da educação. Se levarmos em consideração todas as rotinas de um professor, que vai desde o planejamento das aulas, preparação de materiais, pesquisa por recursos, correção de trabalhos e provas, avaliações de toda a ordem, acompanhamento qualitativo dos alunos, reuniões, veremos que as atividades de sala de aula são apenas parte do processo pedagógico. Soma-se a isso, o fato

de que vivemos hoje em um mundo cada vez mais conectado à rede internacional de computadores e a informação está à disposição de uma grande parcela do alunado. Desta forma, cada vez mais a preparação de uma boa aula tem se tornado fator decisivo para o sucesso de todo o processo. Outra dificuldade na carga horária de 40 horas semanais que muitas vezes não é trazida à tona e que influencia diretamente na questão da qualidade, é o fato de que tal jornada de trabalho demanda um número bem maior de turmas e, por conseguinte, um número bem maior de alunos por professor, atentando desta forma contra a qualidade do momento em sala de aula e do acompanhamento que se faz necessário muitas vezes de uma forma individualizada.

A questão da jornada de trabalho do professor é um tema pouco debatido por governantes e gestores públicos e privados, uma vez que a racionalização do trabalho dos docentes, levando-o a níveis praticados mundialmente dentro daqueles parâmetros que não atentam contra a qualidade do trabalho oferecido ao aluno, gera por sua vez custos de uma ordem que nem governantes, nem gestores privados da educação pensam em arcar. A racionalização da carga horária para níveis aceitáveis, de uma forma que o professor possa trabalhar com um número limitado de alunos e possa ter tempo para as atividades que não são de sala de aula, mas fazem parte do cotidiano dos docentes, com certeza levaria prefeituras e estados a terem sérias dificuldades, já que em seus orçamentos, nem sempre condizentes com a realidade, estão contidas apenas as necessidades mais básicas e as mais fáceis de serem executadas no que se refere à política de educação.

Muitos Estados e muitos Municípios da Federação estão tendo dificuldades enormes em seguir a determinação da lei 11.738 de 16 de julho de 2008, sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva que previa um salário de R\$ 950,00 para uma jornada de 40 horas semanais e a reserva de no mínimo um terço da carga horária para atividades extraclasse. Este despreparo reflete apenas o fato de que corrigir provas, preparar materiais para a próxima aula, pesquisar por novas alternativas, contatar com coordenação, reunir-se com os demais professores, entre outras atividades extraclasse, são atividades que devem ser gratuitas sem ônus algum segundo a ótica de alguns gestores e governantes.

Para o exercício adequado de qualquer profissão, é imprescindível que o empregador ofereça um local de trabalho adequado para que o seu empregado desenvolva suas atividades dentro de um ambiente que lhe garanta conforto, segurança e que o mesmo (o empregado) tenha a sua disposição a estrutura material e humana necessária para que haja um trabalho de

alta qualidade. Estas condições ideais simplesmente não existem na maioria das escolas públicas brasileiras. Nossas escolas passam por um processo de deterioração não só no que diz respeito à questão pedagógica, mas também com a questão material.

A falta de estrutura se manifesta nas mais variadas formas nas diferentes regiões do Brasil. Ao ligar uma televisão, ao abrir um jornal ou revista não é difícil encontrar um relato de descaso com a estrutura das escolas Brasil afora. Entretanto, esta questão é também deixada de lado, uma vez que o que se pensa sobre políticas públicas no Brasil, na maioria das vezes não contempla o fato de que uma escola bem estruturada deva oferecer segurança para alunos e professores e que a mesma conte com equipamentos de vídeo, computadores ligados à internet, proteção contra frio e calor, além de outros recursos que são básicos e essenciais, mas que freqüentemente, são tratados como bens supérfluos e por vezes desnecessários. A ideia de que uma estrutura básica e adequada em uma escola não é uma prioridade, é reforçada muitas vezes através da análise para destinações das verbas dos orçamentos dos governos Estaduais e Municipais que muitas vezes não atendem adequadamente esta questão. Ainda sobre este assunto, existe o discurso que não é verbalizado oficialmente, mas que é facilmente perceptível nos comentários informais no ambiente escolar, de que alunos de periferia que não desfrutam de conforto e segurança em suas casas e bairros, não estranharão que as escolas não ofereçam uma melhor qualidade nesse quesito.

Também corroboram com esta concepção da estrutura mínima, alguns dados e resultados estatísticos que são usados de forma inapropriada para ratificar políticas públicas inadequadas ou ainda, a falta de recursos para a educação. Um destes exemplos foi o resultado obtido por uma escola de Caxias do Sul, no interior do Rio Grande do Sul, onde as aulas são ministradas em containers e mesmo assim a escola obteve o melhor resultado no Município e o quarto melhor resultado em todo o Estado na Prova Brasil de 2009.

Bons resultados em relação à educação são possíveis mesmo em condições adversas. A lógica que se faz presente na questão salarial onde não se quer salários para uma educação melhor, mas pelo fato de ser justo, se aplica na questão da estrutura material em que a necessidade de instalações e recursos adequados se dá não como condição essencial para melhora do ensino, mas sim por uma questão de respeito para com professores e alunos.

Precisamos de estrutura porque inicialmente é justo com alunos e professores e porque possivelmente os bons resultados deixarão de ser uma exceção e passarão a ser uma regra nos

testes e estatísticas escolares. Dados como este da escola do Rio Grande do Sul, reforçam muitas vezes a ideia equivocada de que a profissão de professor é um celibato, sempre passível de privações de toda ordem, ignorando a condição profissional dos docentes, dando desta forma, sustentação para as políticas equivocadas, para a educação pública e que mais uma vez afetam o cotidiano do professor.

Para Libâneo (1998, pg. 49), “é necessário resgatar a profissionalidade do professor, dar novo enquadramento às características de sua profissão na busca da identidade profissional”. Uma nova postura por parte de governantes e gestores se faz necessária para que o importante papel do professor dentro do tecido social seja retomado. Também se faz necessário, que o próprio professor busque através de sua autovalorização profissional o resgate da sua condição de protagonista do processo educacional.

2.3 A Saúde do Professor

Questões salariais, carga horária inadequada para os padrões de qualidade desejados, escolas desestruturadas são algumas das dificuldades enfrentadas por um professor, seja ele iniciante ou já com algum tempo de carreira no magistério. Além destas questões, existe outra que vem tomando uma dimensão maior do que deveria nos últimos anos. Questão esta, que trata da saúde do professor. Problemas de saúde relacionados ao desempenho das atividades profissionais não são novidades no mundo moderno. Entretanto, no que se referem às atividades letivas, tais doenças têm se avolumado e vêm sendo ignoradas sistematicamente por gestores e governantes ao longo dos anos sem, entretanto, terem deixado de existir.

Muitas são as doenças relacionadas com o exercício do magistério. Problemas com a voz, alergias, tendinites, distúrbios do sono, distúrbios sexuais, alteração da atenção e da memória, irritabilidade, dores na coluna, dores de cabeça e problemas cardíacos, são algumas das mazelas às quais os docentes estão sujeitos.

Das doenças relacionadas com a atividade do professor, uma delas chama a atenção pelas suas peculiaridades. Trata-se da Síndrome de Burnout. Essa doença foi inicialmente detectada pelo psicólogo americano Herbert Freudeberger que relacionou seus sintomas à exaustão profissional. Em que pese o fato de ter sido apenas diagnosticada no início da década

de 70, ela já acompanhava os profissionais do magistério, sem que eles soubessem. Nos dias atuais, quando a educação passa por um processo de mercantilização, quando a cobrança por resultados é bem mais acentuada, ela está cada vez mais presente nas salas de aula.

A síndrome de Burnout está intimamente relacionada ao ambiente de trabalho e vai além do stress ocupacional. Para Maslach, Schaufeli & Leiter (2001, p.43) “Burnout é uma experiência individual específica do contexto do trabalho”. Pereira (2002, p.43) nos fala que, “A síndrome de Burnout vai além do stress, sendo encarada como uma reação ao stress ocupacional crônico”.

São muitos os sintomas relacionados com a *Síndrome de Burnout*. De acordo com (PEREIRA, 2002, p.38), eles podem ser subdivididos teoricamente em físicos, psíquicos e defensivos, desta forma temos:

Físicos

Fadiga constante e progressiva,
Distúrbios do sono,
Dores musculares ou osteomusculares,
Cefaléias, enxaquecas,
Perturbações gastrointestinais,
Imunodeficiência,
Transtornos cardiovasculares,
Distúrbios do sistema respiratório,
Disfunções sexuais,
Alterações menstruais nas mulheres.

Psíquicos

Falta de atenção, concentração,
Alterações de memória,
Lentidão do pensamento,
Sentimento de alienação,
Sentimento de solidão,
Impaciência,
Sentimento de insuficiência,
Baixa autoestima,
Labilidade emocional,
Dificuldade de autoaceitação, baixa autoestima,
Astenia, desânimo, disforia, depressão,
Desconfiança, paranóia.

Comportamentais

Negligência ou excesso de escrúpulos,
Irritabilidade,
Incremento da agressividade,
Incapacidade para relaxar,
Dificuldade na aceitação de mudança,
Perda de iniciativa,
Aumento do consumo de substâncias,
Comportamento de alto risco,
Suicídio.

Defensivos

Tendência ao isolamento,

Sentimento de onipotência,
Perda do interesse pelo trabalho ou pelo lazer,
Absentéismo,
Ironia, cinismo. (PEREIRA, 2002, p.38)

O ambiente de sala de aula nos dias atuais é um terreno fértil para a proliferação de tais males. Os sintomas acima citados são facilmente detectados entre os professores das escolas públicas e privadas. Problemas como baixos salários, turmas lotadas, carência de pessoal para disciplinar o ambiente escolar, alunos mais violentos e falta de infraestrutura criam a combinação perfeita para derrubar a motivação e levar muitos docentes a condições críticas de saúde. Esse quadro é muitas vezes agravado pelos gestores e governantes que minimizam os sintomas e curiosamente pelos próprios professores, que pressionados pelas administrações, não admitem que possam estar com problemas mais sérios, seja por medo de perder o emprego, seja pela imagem de incompetência e falta de comprometimento que é imediatamente associada a todo professor que passa a ter maior zelo por sua saúde.

Os fatores que desencadeiam a Síndrome de Burnout estão presentes ao longo de um dia de trabalho do professor em qualquer escola pública e privada do Brasil. A falta de reconhecimento por parte de superiores, a pressão exercida por diretores e coordenadores, a falta de estrutura mínima nas escolas para o bom desempenho da função, problemas disciplinares, salários aviltados, carga horária excessiva com desdobramento de jornada em duas ou três escolas entre outros fatores, resultam em um professor extremamente angustiado e pressionado que não tem muitas vezes a quem recorrer.

A maioria das secretarias de educação não dispõe de profissionais especializados na área de psicologia para o atendimento ao professor que sofre algum tipo de agressão em sala de aula, ou que esteja apresentando algum sintoma da Síndrome de Burnout ou de qualquer outro sintoma relacionado a outro tipo de doença de caráter psicológico. A consequência deste descaso com a saúde do profissional na área de educação é o absentéismo motivado pelas licenças para tratamento de saúde. Tal prática acaba por acarretar prejuízos enormes aos cofres públicos e aos alunos das redes públicas de educação. Codo (1999, p. 333), comenta sobre isto que:

De modo que o tipo de gestão adotado nos estabelecimentos, na medida em que exerce um rol estruturante sobre o ambiente de trabalho, intervêm sobre diferentes aspectos que configuram a “ realidade do trabalho nas escolas” e, por este caminho indireto, acaba influenciando na saúde mental dos que aí trabalham CODO (1999, p. 333).

A questão da saúde do professor é bem mais complexa do que possa parecer devido às peculiaridades da profissão. Um docente acometido de uma desordem física e principalmente emocional é diferente, por exemplo, de um engenheiro, advogado ou de um funcionário público de outra repartição que possa apresentar o mesmo quadro clínico e que não mantém um vínculo mais permanente com os seus clientes. O dia a dia do profissional da educação diferencia-se dos demais, pois o mesmo mantém um contato diário e não esporádico com aqueles a quem ele educa. Devido a esta periodicidade das relações, ele passa a ser observado e, muitas vezes, julgado pelo seu comportamento e por suas atitudes dentro e fora da sala de aula.

A postura equilibrada e coerente é constantemente cobrada por superiores e por alunos. Essa cobrança excessiva acaba por gerar uma pressão exacerbada sobre o docente que por sua vez sente-se fragilizado e impotente diante das questões mais simples até as mais complexas. Este quadro normalmente tende a evoluir para os problemas de saúde já citados, mas também pode evoluir para um quadro ainda mais complexo, se é que isso possa ser possível. Os professores estão desistindo da profissão, seja de uma forma declarada, seja de uma forma velada. Dentre as duas formas de desistência, indubitavelmente a segunda forma é a mais preocupante, pois se trata daquela situação em que o profissional mesmo acometido de uma situação clínica ou psicológica desfavorável, não procura a ajuda necessária e acaba por desistir da profissão mesmo sem ter oficialmente desligado do magistério. Na esteira desta situação, vem o descaso com o aluno, com a escola, com os resultados e com sua própria carreira profissional, estabelecendo-se uma relação de fingir pedagógico, em que o professor contenta-se apenas em fazer aquilo que é extremamente necessário, sem nenhum tipo de preocupação com a qualidade do seu trabalho. Esse quadro está cada vez mais presente no cotidiano das escolas, constituindo-se desta forma em uma das razões pelas quais o país não consegue dar o salto de qualidade necessário em termos de educação.

2.4 Qualificação Profissional

- A nova coordenadora

- Será implantado um processo de Gestão Pedagógico baseado na relação dialógica dos seres que compõem a orbe pedagógica e através da simbiose conceitual. Construiremos um novo paradigma na esfera da conceituação do fazer educacional.

As palavras usadas pela professora Kleide Tardeli para fazer sua autoapresentação diante do grupo de professores que ali estavam naquela manhã chuvosa, pareciam muito animadoras. Em que pese o fato de não termos entendido muito bem o que elas realmente significavam, ainda assim elas pareciam trazer um novo ânimo, um “upgrade” na motivação do corpo docente da escola, afinal de contas o Colégio Salvador do Bom Caminho passava por uma crise pedagógica e de resultados nunca antes vivenciados ao longo de seus 50 anos de existência e precisava de algo assim, algo meio difuso que ninguém sabia ao certo o que poderia ser, ou no que aquilo poderia terminar para alavancar o processo educacional da escola e melhorar seus índices nas provas avaliativas que se avizinhavam.

Sem dúvida a professora Kleide havia sido uma bela aquisição para o corpo gestor da Escola. Tratava-se de uma jovem balzaquiana no auge de seus 30 e poucos anos, recém saída do seu mestrado em educação, cheia de ideias na cabeça e que chamava atenção por sua aparente disposição para o trabalho e, naquele momento inicial, também por sua prolixidade. A cada nova frase proferida pela nova contratação da casa, a plateia ficava em polvorosa mesmo que não manifesta.

- Sem querer vilipendiar o acervo de conquistas do nobre educandário, implantaremos uma política contundente de reestruturação do fazer pedagógico até o fenecimento do período letivo.

A cada manifestação da nova coordenadora a plateia era tomada por uma onda de entusiasmo e euforia. Sem dúvida a mulher dominava o vernáculo. O que era para ser uma simples palestra de apresentação estava se tornando um show de fluência e desenvoltura com a Língua Portuguesa de fazer inveja ao mais versado dos lusitanos. Verbos escolhidos a dedo, sinônimos em profusão, concordância irreparável, conjunções, locuções, conjugações apropriadas e pertinentes. Era disso que a escola precisava. Uma coordenadora que soltasse o verbo, que pudesse mesmerizar uma plateia com sua eloquência e com sua intimidade com a Língua de Camões.

A reunião terminou em grande estilo, cumprimentos para todos os lados, sorrisos efusivos, abraços afetuosos deixavam claro que agora a coisa ia andar. Todos os nossos problemas pedagógicos e disciplinares estavam praticamente resolvidos. Que viessem os pupilos que eles veriam o que lhes aguardava. Veriam com quantos paus se faz uma canoa. Com a nova coordenadora, eles veriam o que é bom para a tosse. Com certeza estávamos em momento histórico para o Colégio Salvador do Bom Caminho. Aquele ano seria o divisor de águas para a escola. No futuro, a linha cronológica da escola seria dividida entre antes da professora Kleide e depois da professora Kleide. A emoção havia tomado conta da reunião.

Albert Einstein costumava dizer que: “ele não pensava muito no futuro, pois ele costumava chegar muito rapidamente”. Nenhum de nós naquele momento pensou no futuro. Entretanto ele chegou bem mais rápido do que os outros anos. E para piorar as coisas, ele não era exatamente aquilo que nós havíamos imaginado. Os problemas de disciplina eram os mesmos, as reprovações continuaram, as

reclamações dos pais eram as mesmas, os resultados ainda mais desanimadores. Para piorar o quadro, no “fenecimento” do ano letivo a relação dialógica tinha ido para o espaço e metade dos que estavam na reunião inicial já não faziam parte do corpo docente. Finalmente havíamos compreendido o que seria uma “política contundente de reestruturação”.

Também ficamos sabendo que simbiose conceitual nada mais era que a troca do material didático de primeira linha que os professores adotavam na escola, por uma apostila de quinta categoria que não precisava ser muito reflexiva para o aluno resolvê-la de cabo a rabo – até porque as respostas já vinham junto com a pergunta-. Nunca antes, o “fenecimento” do ano letivo fora aguardado com tanta ansiedade. (texto do autor)

A pequena história relatada serve para mostrar de uma forma mais descontraída, que a questão da qualificação profissional do professor no Brasil é ainda um dos fatores que depõem contra a produtividade individual de cada profissional e, conseqüentemente contra a qualidade da educação de um modo geral. Existe um consenso de que há no Brasil uma grave lacuna no que diz respeito à Formação Inicial e à Formação Continuada do professor e, que esta grave lacuna reflete diretamente nos resultados do Brasil nos mais variados testes e avaliações, tanto em nível nacional como em testes internacionais. Além disso, a pouca qualificação do professor acaba por gerar um quadro de baixíssima autoestima na categoria docente, que por vezes se submete a condições de trabalho inaceitáveis para os padrões de qualidade internacional, isso por consciente e até mesmo inconscientemente, não se considerar digna de um tratamento melhor por parte de gestores e governantes.

O fato de não estar devidamente preparado para o enfrentamento das questões de sala de aula e por saber disso, faz com que o professor brasileiro de uma forma geral, sinta-se diminuído profissionalmente toda vez que é comparado com outras categorias, subvertendo desta forma uma lógica que é quase mundial, de que o professor é um dos eixos centrais de qualquer país que esteja em desenvolvimento, ou que já seja desenvolvido. A questão da qualificação do professor passa por variáveis que vão desde a formação acadêmica, à contratação, às condições de trabalho que são oferecidas, ao seu desenvolvimento profissional, a sua atualização e a sua organização enquanto categoria profissional.

Além destas questões, constata-se ainda certo descuido por parte dos professores de um modo geral, em relação ao seu autoaprimoramento. Esta é uma questão delicada, que mostra a outra face da mesma moeda, pois se é verdade que o desrespeito existe em relação ao magistério, também é verdade que existe um descaso por parte do professorado com sua própria carreira principalmente depois que o professor é aprovado em um concurso público, que tem sido sinônimo na maioria das vezes de estagnação e acomodação. O conceito de

continuidade dos estudos e do aperfeiçoamento profissional é muitas vezes negligenciada por parte dos professores ao longo de sua carreira. Tal postura não se adéqua ao perfil de um profissional dos dias de hoje e às exigências profissionais do mundo moderno.

Segundo Mercado (2004, pg. 17):

O século XXI vem sendo chamado por muitos pesquisadores como o século do conhecimento e da informação e, por esta razão, é preciso entender que o conhecimento é algo que não tem fim em si mesmo. Quanto mais aprendemos, mais temos coisas a aprender, jamais seremos capazes de dominar todo o conhecimento, ele é um poço profundo, inacabável. Se estamos em constante processo de aprender, podemos dizer que o lema central deste século é o aprender a aprender, enquanto um processo permanente.

A condição do professor brasileiro é uma preocupação recorrente e foi tema de um estudo promovido pela UNESCO no ano de 2009, denominado “*Professores do Brasil: impasses e desafios*”. O estudo foi coordenado pelas professoras Bernadete Angelina Gatti e Elba Siqueira de Sá Barreto e teve como fonte de pesquisa dados fornecidos pelo ministério do trabalho, levantamentos obtidos pelos censos educacionais e as pesquisas desenvolvidas pelos cursos de pedagogia e pelos demais cursos, sobre o tema Educação. Trata-se de um trabalho abrangente que aborda algumas questões relacionadas ao professor, sendo que uma das questões estudadas se refere à qualificação e formação profissional do docente. Sobre esta questão, o estudo trouxe algumas constatações importantes referentes aos licenciados; formação dos docentes; os currículos das instituições que formam os docentes; salário e planos de carreira. Entre as constatações podemos ressaltar:

- Os licenciandos declaram raramente ler jornais, leem poucos livros, frequentam a biblioteca com frequência não muito alta (46% deles) e a maioria tem acesso à internet (81,3%), utilizando-a principalmente para fazer os trabalhos do curso (92,6%).
- os cursos de Pedagogia têm uma característica fragmentária e um conjunto disciplinar bastante disperso. Enquanto neles quase não se encontram disciplinas referentes aos conteúdos que devem ser ensinados na escola básica, nas demais licenciaturas prevalecem os conhecimentos da área disciplinar em detrimento dos conhecimentos pedagógicos propriamente ditos.
- O salário inicial do professor, no geral tem sido baixo, quando comparado a outras profissões que exigem formação superior. Isso pesa sobre as

características de procura desse trabalho, assim como sobre o ingresso e permanência na profissão.

Ainda nesta pesquisa, outro dado chama bastante atenção apesar de parecer em um primeiro momento não ser tão relevante na problemática educacional. Segundo o estudo, 4/5 dos professores pesquisados são oriundos de escolas públicas, ou seja, a formação em nível básico se deu em uma escola pública, que salvo algumas exceções, não apresentava uma boa qualidade de ensino. Este dado em si talvez possa explicar algumas das deficiências dos futuros professores.

A questão da falta de qualificação do professor é também fruto de uma prática que vem se difundindo pelo Brasil e que ilustra perfeitamente o quanto este assunto ainda não é tratado da forma adequada. Nesta mesma pesquisa, um dos itens relata que os cursos de formação são ministrados através de cópias e de apostilas, sem que haja nenhum aprofundamento das questões mais básicas que envolvem a formação docente. Esta forma equivocada de aprender está intimamente ligada à questão financeira. O sistema apostilado de ensino é basicamente uma invenção brasileira na área de educação. O uso de materiais que ofereçam apenas um resumo de algum assunto não é compatível com ensino de qualidade em nenhum estágio do processo de aprendizado e muito menos nos cursos de formação, em que o objetivo é justamente o de aprofundamento nas leituras e no conhecimento.

A pesquisa ainda mostra, que 53% dos entrevistados dizem ter optado voluntariamente pela carreira de professor e de que 21% optaram pela carreira no caso de não ter outra possibilidade profissional. Apesar de esses números serem frutos de pesquisa, eles escondem alguns fatos importantes. Não podemos deixar de levar em consideração que deste universo de 53% de voluntários, muitos podem ter ainda optado pelo magistério uma vez que as faculdades de licenciatura são geralmente mais baratas e as universidades públicas oferecem pouca concorrência de número de candidato por vagas. Desta forma, a graduação em alguma licenciatura menos concorrida pode se tornar um atalho para a obtenção do curso superior. A ideia de que o magistério não atrai as mentes mais capacitadas é reforçada por Paro ao dizer que:

Uma das primeiras ocorrências é a evasão de pessoas mais bem qualificadas que investiram em sua formação e treinamento na expectativa de obter uma remuneração

que tal ocupação já não mais oferece. Com o tempo, a ocupação só consegue atrair pessoas menos qualificadas, ou seja, aquelas que por suas limitadas capacidades profissionais, não podem contar com melhores alternativas de empregos. (PARO, 1997. p.96)

Baseado nos dados levantados no estudo promovido pela UNESCO fica evidente que a questão da formação do professor no Brasil, ainda apresenta um longo caminho para ser equacionada. Os dados mostram que o problema envolve não somente a questão da falta de estrutura dos cursos de formação e da falta de atrativos da carreira, mas também de uma deficiência do próprio professor que não busca seu aprimoramento e negligencia a questão da leitura. Não somos por tradição um povo de ávidos leitores, a nossa relação com a cultura e com o conhecimento está longe de ser prazerosa. A informação, o alargamento dos horizontes intelectuais, as novas possibilidades de leitura do mundo que um bom livro pode proporcionar, para nós brasileiros é algo que está intrinsecamente ligado a enormes dificuldades e a um consumo de tempo que invariavelmente não queremos despendar.

2.5 Política e Democracia

- A eleição para diretor

O grande dia havia chegado. Depois de três meses de intensa campanha eleitoral para a direção da Escola Antonio de Sales Melo, finalmente os dois candidatos ao cargo mais cobiçado da escola se digladiariam em um embate que prometia ser histórico. O cenário estava arranjado dentro dos padrões que o evento exigia. Uma mesa central forrada com uma enorme toalha branca e decorada com um arranjo floral ao centro. Em cada lado da mesa, já estava à disposição, uma garrafa de água mineral para cada debatedor, além de caneta e papel para possíveis anotações. O auditório, que era na verdade a junção de duas salas de aula que em ocasiões especiais se transformavam em palco para eventos eleitorais e artísticos, já estava devidamente organizada com cadeiras perfiladas e prontas para receber a distinta plateia composta por pais, alunos e professores. Tudo meticulosamente preparado pela dona Marivone, a secretária da escola, que passou os dois últimos dias que antecederam o pleito, envolvida em um corre-corre desenfreado para que tudo funcionasse a contento.

Tudo estava devidamente arranjado. Cenário pronto, plateia confortavelmente acomodada nos seus assentos. Faltava apenas o professor Arnaldo, o professor de História da escola, para que desse início aos trabalhos. E foi o que ele fez. Em tom solene, trajando um impecável e bem alinhado terno preto com uma gravata de tom escuro, o professor chamou os dois debatedores. De um lado a professora Ermelinda Vaz, professora já antiga no magistério e na escola e que atualmente ocupava o cargo de coordenadora pedagógica e que por isso era chamada de candidata do continuísmo pelo seu opositor, o professor Everaldo Damaceno. Professor Damaceno, assim chamado pelos seus alunos, era relativamente novo na escola e gozava de um bom conceito entre a comunidade escolar, além de ter algumas ideias pedagógicas que nem sempre faziam algum sentido e por isso era taxado de “sem noção” pela sua opositora.

Após a execução do Hino Nacional, o mediador instruiu a plateia e os debatedores sobre as regras do debate, ressaltando que tais regras haviam sido previamente acertadas com as respectivas assessorias dos candidatos. Sim, os candidatos tinham assessorias. O debate funcionaria mais ou menos como todos os debates que conhecemos. Perguntas entre os candidatos, perguntas do mediador e perguntas do público. A primeira a perguntar seria a professora Ermelinda, a candidata do continuísmo, ela sem meias palavras tascou:

- Prezado professor, o senhor confirma aqui, ter mantido um intercuro amoroso com a D. Suzete, tendo lhe tascado um ósculo aqui nas dependências da escola?

O burburinho tomou conta da plateia. O professor Everaldo de imediato protestou contra o caráter pessoal da pergunta, os professores ficaram perplexos, o mediador sem saber o que fazer, pedia silêncio no recinto sem muito sucesso. A confusão só não foi maior porque na verdade, a maioria das pessoas que ali estavam não faziam a mínima ideia do que seria um ósculo, apesar de imaginarem o que pudesse ser um intercuro amoroso. A única que se manteve impassível diante do quiproquó armado foi a professora Ermelinda, que ainda por cima acrescentou:

- O senhor foi visto aos beijos e abraços com a D. Suzete dentro da escola, diga que não!

A maioria das pessoas que se dispõem a assistir um debate, não querem muito saber de propostas, metas ou projetos dos candidatos. A turma quer mesmo é ver o circo pegar fogo, querem ver os cristãos atirados aos leões, querem ver o sangue correndo com acusações mais ou menos do nível desta da professora Ermelinda. Se isso que dizem é verdade sobre os debates, este não poderia ter começado melhor.

Após alguns minutos de confusão generalizada, o professor Arnaldo conseguiu arrefecer os ânimos tanto dos candidatos como os da plateia reiterando que daquele momento em diante, apenas seriam toleradas perguntas de interesse da escola e que qualquer ataque pessoal seria severamente rechaçado. Com a intenção de recomeçar o debate de uma forma mais harmoniosa, o professor Arnaldo determinou que a professora Ermelinda refizesse sua pergunta sendo que a mesma, sem se fazer de rogada, mandou:

- O senhor vai assumir seu caso amoroso com a D. Suzete ou vai ficar enrolando a moça?

Novamente a plateia ficou em polvorosa e a balburdia tomou conta do salão. Definitivamente a professora Ermelinda não tinha a mínima noção do que era um debate político. (texto do autor)

O pequeno extrato serve para mostrar que a definição clássica de democracia é um tanto quanto subjetiva e nem sempre bem assimilada pelas pessoas de um modo geral, uma vez que na prática, tal conceito se amplia de acordo com as circunstâncias e que muitas vezes o seu real significado é confundido com outras questões, ou ainda reduzido simplesmente a questão eleitoral. Para Schumpeter, o centro do conceito de democracia pode ser entendido da seguinte forma:

A democracia é um método político, ou seja, um certo tipo de arranjo institucional para se alcançarem decisões políticas – legislativas e administrativas-, e, portanto, não pode ser um fim em si mesma, não importando as decisões que produza sob condições históricas dadas. (SCHUMPETER, 1984, p.304).

Ainda sobre democracia, Bobbio (2004, p. 22) ressalta que: “democracia é um conjunto de regras e procedimentos para a formação de decisões coletivas, em que está prevista e facilitada a participação mais ampla possível dos interessados”.

A concepção de uma escola democrática não é nenhuma novidade na história da construção da escola até os dias de hoje. Apesar de na prática, este conceito não ter sido regra, podemos ao longo da história, perceber experiências de caráter democrático e de inclusão efetiva. No Brasil, o conceito de democracia nas escolas é relativamente nova, uma vez que a história republicana do Brasil é rica em golpes de Estado, atentados, impeachments e outras mazelas políticas que impediram que a ideia de democracia escolar pudesse ter continuidade.

No período mais recente de nossa história que compreende o golpe militar de 1964, passando pela saída dos mesmos militares em 1985 com o movimento das diretas já, e chegando até os dias de hoje, a escola construiu paralelamente a estes eventos, e influenciada pelos mesmos, o seu pensamento democrático. Esta concepção se manifestou mais fortemente e de uma forma equivocada na figura da eleição para diretor. Tudo aquilo que se pensa sobre um conceito democrático de inclusão, participação e de tomada de decisões por parte dos elementos envolvidos no dia a dia da escola, foi totalmente deturpado e subvertido. O dia a dia da escola apresenta uma questão preocupante. A visão simplista de que democracia se resume na eleição direta do diretor, se espalhou de tal forma que ao invés de ser algo benéfico para a educação e para o contexto escolar, se tornou sim, uma enfermidade pedagógica.

O que temos ainda hoje, em um número significativo de escolas, é um quadro onde diretores se perpetuam no poder por várias gestões, sendo que suas reeleições são pautadas pela troca de favores com professores, alunos e comunidades, sem nenhuma preocupação com a qualidade dos serviços oferecidos. Tais diretores, invariavelmente, não têm preparação prévia para gerenciar uma escola baseando seu trabalho apenas no jogo de interesses que se transformou a eleição para diretor, deixando de lado as questões que realmente importam. A democracia escolar e, mais precisamente a eleição para diretor é mais ou menos o espelho daquilo que mais abominamos na política tradicional, ou seja, a troca de favores, perseguições, o nepotismo, o descaso com o dinheiro público (neste caso com as parcas verbas públicas para educação), o despreparo para assumir cargos administrativos importantes.

A questão da eleição para diretor passa por questões complexas, pois envolve na maioria das vezes interesses pessoais ou determinados grupos que nem sempre estão alinhados com o pensamento de uma gestão profissional que atenda as necessidades educacionais de uma determinada comunidade. Uma das possibilidades para o poder excessivo do diretor da escola seria a divisão de suas atribuições. Paro comenta que

Seria necessário, em vez disso, um sistema em que a direção fosse exercida por um conselho, que o diretor perderia em consequência, o papel imperial que tem hoje, sendo apenas um de seus membros que, com mandato eletivo, assumiria por certo período a presidência deste colegiado diretivo, mas dividindo entre seus membros a direção da unidade escolar. Isto implicaria ser o colegiado, e não o seu presidente, o responsável último pela escola. (PARO, 1997, p.89)

A deturpação do conceito de democracia escolar tem acarretado ao longo dos anos, prejuízos enormes não só para as escolas públicas, mas para a soma da sociedade. O que era

para ser inicialmente uma das soluções para os problemas educacionais, passou a apresentar alguns problemas, haja vista a má interpretação feita sobre o conceito e a prática de uma organização democrática do espaço escolar.

3. METODOLOGIA

Este trabalho tem o objetivo de mostrar as questões que mais afetam o cotidiano do professor, sendo assim, caracteriza-se como uma abordagem qualitativa posto que não se preocupa diretamente com a obtenção de resultados estatísticos sobre as questões levantadas, mas sim, compreender um pouco mais sobre o cotidiano atual do professor e suas mazelas. Duarte argumenta que

Como nos estudos qualitativos em geral, o objetivo está mais relacionado à aprendizagem por meio da identificação da riqueza e diversidade, pela integração de informações e síntese das descobertas do que ao estabelecimento de conclusões precisas e definitivas. (DUARTE, 2008, p.63).

As análises e reflexões desenvolvem-se a partir de uma pesquisa bibliográfica de caráter exploratório descritivo, sendo que em cada capítulo diferentes autores serviram de base bibliográfica. Bobbio e Schumpeter contribuíram com os conceitos de democracia. Durkheim foi utilizado para definir o conceito de sociedade anômala. Benevides Pereira serviu de referência para a questão das doenças do professor, em especial a Síndrome de Burnout. Libaneo contribui com a questão da formação e da profissionalidade do professor. A revisão bibliográfica é um instrumento importante quando se trata de abordagem qualitativa. Para Duarte

A revisão bibliográfica, num sentido amplo, é o planejamento global inicial de qualquer trabalho de pesquisa que vai desde a identificação, localização e obtenção da bibliografia pertinente sobre o assunto, até a apresentação de um texto sistematizado, onde é apresentada toda literatura que o aluno examinou, de forma a evidenciar o entendimento do pensamento dos autores, acrescido de suas próprias ideias e opiniões. (DUARTE, 2008, p.63)

Os dados e informações levantados neste trabalho tiveram como fonte de consulta as obras relacionadas a livros, artigos e pesquisas disponíveis na internet. Além disso, a observação e a vivência dos fatos cotidianos da escola que envolvem as questões mais relevantes para o professor, também foram levados em consideração, tendo em vista minhas experiências enquanto professor de escola. Segundo Mattar (1996, pg. 38), “uma das formas mais rápidas e econômicas de amadurecer e aprofundar um problema de pesquisa é através do conhecimento dos trabalhos realizados por outros, via pesquisa bibliográfica.”

O trabalho está estruturado em cinco partes distintas no qual são abordados os principais problemas vividos hoje pelo professorado da escola pública. Tais problemas tiveram como fonte inicial a observação direta das referidas questões dentro das escolas públicas, a leitura de textos e artigos sobre o assunto e pesquisas feitas no espaço escolar. Em

seguida, foi utilizada a bibliografia disponível através das obras listadas e dos artigos da internet para o devido desenvolvimento do trabalho.

O trabalho ora apresentado também é resultado da externalização dos sentimentos que repousam na mente da maioria dos professores e que pode ser facilmente detectado não somente pelo levantamento bibliográfico, mas principalmente, pela vivência das questões que envolvem o dia a dia das escolas e dos professores.

Uma das qualidades necessárias para a o exercício da profissão de professor, é a busca incessante pela informação e pelo conhecimento aprofundado não só da sua disciplina, mas também de todo o contexto cultural e social que o cerca. A pesquisa bibliográfica vem ao encontro destes objetivos, uma vez que a partir dela foi possível uma reflexão sobre as questões que afetam o cotidiano dos educadores.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar sobre a problemática do professor é algo extremamente difícil em um país com tantas mazelas na área educacional como é o Brasil. Neste trabalho, procurei levantar algumas questões que considero mais pertinentes no que diz respeito aos problemas do professorado em geral. Todas estas questões podem ser aprofundadas em outra oportunidade. Neste momento, entretanto, procurei apenas trazer à tona aquilo que penso serem as questões mais relevantes na vida do professorado atual e que podem ser observadas na grande maioria das escolas públicas do Brasil.

Ser professor nos dias de hoje no Brasil é um grande desafio. Não exatamente pelo conceito de desafio que nos remete a uma concepção romanceada de superação de obstáculos e de finalmente galgar os louros da vitória. O Brasil, bem como o resto do mundo, passa por transformações sociais significativas e o professor é parte destas transformações. Entretanto, a sociedade e o sistema escolar estão cada vez mais impotentes diante de tais mudanças e o professor, cada vez mais, tem sido alvo constante da crítica social. Decidir pela carreira de professor é algo complexo nos dias de hoje, uma vez que a escolha pelo magistério no Brasil não indica que o exercício da profissão possa ao final, trazer a tão esperada satisfação profissional. Aqueles que agora iniciam no magistério, desconfiam seriamente que estão adentrando em uma batalha vencida e, aqueles que já estão há mais tempo, têm certeza de que a dificuldade é grande. Ao menos em curto prazo, reverter a condição em que se encontra a profissão de professor é algo que demanda esforço, dedicação e convicção da categoria entre outros fatores.

Os cinco pontos abordados neste trabalho foram frutos da pesquisa bibliográfica e também da observação e vivência de mais de 18 anos de magistério. Ao abordar a questão do contexto social, da qualificação profissional, da saúde do professor, da valorização profissional e da democracia na eleição de diretores, procurei trazer à tona as questões mais presentes do professorado em geral, não obstante, outras questões poderiam ser levantadas e talvez merecessem a mesma deferência, uma vez que o magistério no Brasil se tornou um manancial riquíssimo de discussões e preocupações que atingem os profissionais da educação.

O panorama da educação brasileira e, conseqüentemente dos professores, não é muito animador. Em termos comparativos, nota-se que está muito longe de atingir os níveis de

respeitabilidade que goza o professor em alguns países. Os problemas estruturais e de ordem pedagógica se arrastam por décadas. O professor depara-se no seu cotidiano com toda uma problemática social que muitas vezes não está na sua alçada de competência e que na maioria das vezes não está preparado para enfrentar. Somam-se a isso, questões de defasagem salarial, qualificação deficiente, escassez de verbas para educação. Todo este quadro de pressão constante torna-se um canal aberto para que o professor seja alvo fácil para doenças que, apesar de outrora já existirem, só agora são diagnosticadas e tratadas adequadamente.

A solução para os problemas do magistério brasileiro passa por questões pontuais e que dependem de todos os agentes que compõem o processo educacional, já que são todos proporcionalmente responsáveis por tais mudanças. Ao professor, cabe assumir o protagonismo da educação e de sua própria carreira. Esta nova postura implica na participação efetiva do professorado nas decisões políticas da sua comunidade; na luta por sua qualificação técnica e cultural; na sua cobrança efetiva por políticas públicas adequadas junto aos agentes políticos; na participação ativa em seu sindicato e, principalmente, no resgate da sua autoestima profissional, restabelecendo desta forma o respeito que é devido a esse profissional.

Contudo, as soluções para as questões mais aflitivas dos docentes passam também pela participação dos demais atores do processo pedagógico, pois os mesmos estão interligados em suas ações e não podem ser eximidos de suas responsabilidades. Pais e alunos formam um dos pilares importantes na mudança efetiva do panorama educacional atual. Aos pais, cabe o acompanhamento sistemático de seus filhos na sua vida escolar e, principalmente, cabe a eles o importante papel de modelo, de espelho para as ações dos filhos e alunos e ainda, de vigilantes incansáveis da sociedade e de suas transformações. Aos estudantes, está reservada a mudança de mentalidade em relação ao estudo. Nossos alunos, orientados por seus pais e professores devem urgentemente assimilar a importância do estudo e do conhecimento para um país que quer ser realmente justo e igualitário com seus cidadãos. O resgate da importância do estudar por parte de pais e alunos e da sociedade em geral é condição *sine qua non* em direção às melhorias não só da condição do professor, mas também da educação como um todo. Por último, mas não menos importante, está o papel do governo e dos gestores. Não é possível que almejemos melhorias tanto na vida do professorado e na educação, se os governos da esfera Federal, Estadual e Municipal (aqui incluídos também secretários de educação e diretores de escola) continuam a tratar a questão educacional com tamanho

descaso e descompromisso. Na maioria dos casos, a educação não é tratada com seriedade pelos gestores das esferas citadas. O que vemos no Brasil hoje são presidentes que se elegem sem sequer apresentar um projeto concreto para a educação. Temos governadores que se orgulham de ter escolas de lata, como se uma estrutura descente aos alunos não fosse importante. Temos prefeitos e secretários de educação que nem sempre são claros à sociedade sobre as suas reais intenções com a política educacional a ser implementada. Temos finalmente, diretores que se perpetuam nas direções das escolas com o único objetivo de amealhar uma melhor aposentadoria. Estes mesmos gestores assumem um papel importante nas mudanças almejadas, uma vez que detêm boa parte do controle das verbas públicas para educação e as mudanças almejadas dependem também da retomada da concepção de que educação de qualidade se faz com investimentos, sendo aplicados adequada e honestamente em políticas públicas para moradia, saúde, emprego, lazer e, obviamente, educação.

A qualidade da educação e a conseqüente melhora profissional, tem um longo caminho de mudanças e readequações, uma vez que vemos por parte de governantes poucas ações ou projetos que nos indiquem que dentro de alguns anos as reformas acontecerão. Contudo, se conseguirmos estabelecer uma parceria entre comunidade, escola, alunos e gestores, poderemos realizar, mesmo que em menor escala, algumas mudanças locais que poderão minimizar as dificuldades enfrentadas no ambiente escolar.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, H. e J.M. Camargo, **Human Capital Investment and Poverty**, Texto para Discussão n. 319, Departamento de Economia, PUC/Rio, 1994.

BOBBIO, Norberto. **O futuro da Democracia**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

BRASIL, Presidência da República - Casa Civil. Lei nº 11.738, de 16 de julho de 2008. Brasília: 2008.

CODO, W. (Coord.) **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis: Vozes, 1999.

DUARTE, J. B. A. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2008.

DURKHEIM, É. A divisão do trabalho social. vol II. 2 ed. Portugal- Lisboa: Presença, 1984.

ESTEVE, J. M. **O mal estar docente: a sala de aula e a saúde do professor**. Bauru, SP EDUSC, 1999.

ENADE, vestibular e educação. **Universitários lêem pouco, revela Enade**. Globo.com, 2007. Disponível em : < <http://g1.globo.com/Noticias/Vestibular/0,,MUL67000-5604,00-UNIVERSITARIOS+LEEM+POUCO+REVELA+ENADE.html>>. Acessado em: 23/10/2010.

FACCI, M. G. D. **Valorização ou esvaziamento do trabalho do professor?** Um estudo crítico-comparativo da teoria do professor reflexivo, construtivismo e da psicologia vigotskiana. Campinas: Autores Associados, 2004. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=bLVAbDQ68fIC&printsec=frontcover&dq=valoriza%C3%A7%C3%A3o+do+professor&hl=ptBR&ei=ULHUTIBSjK3wBtGYrIYJ&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CCwQ6AEwAA#v=onepage&q=valoriza%C3%A7%C3%A3o%20do%20professor&f=false>. Acesso em: 17/10/2010. (Coleção formação de professores).

FÁVERO, A. A.; Gaboardi, E. **Apresentação de trabalhos Científicos: Normas e Orientações Práticas**. 4ª. ed., rev. e amp. Passo Fundo: UPF, 2008.

GOMES, H. R. **Qualidade total na escola: Metodologia de solução de problemas**. Belo Horizonte: Lê, 1994.

IOSCHPE, Gustavo. **Salários de professores não é problema**. Revista Educar para Crescer, dez. São Paulo: 2008. Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/indicadores/entrevista-gustavo-ioschpe-410465.shtml>. Acessado em: 12/10/2010.

INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira . **Censo Escolar** , 2007.

JOMTIEN. **Declaração Mundial sobre Educação para todos**. Conferência Mundial sobre Educação para Todos. Tailândia, 1990. Disponível em: <<http://www.pitangui.uepg.br/nep/documentos/Declaracao%20-%20jomtien%20-%20tailandia.pdf>>. Acessado em: 18/11/2010.

LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. 3ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

LIBÂNEO, J. C.. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 1998.

LINHARES, Célia Frazão Soares. **A escola e Seus Profissionais: tradições e contradições**. 2ª. ed. Rio de Janeiro:Agir, 1997.

LOMBARDI, J. C. (et al). **A Escola pública no Brasil: Historia e Historiografia**.Disponível em:<http://books.google.com.br/books?id=6ZuNfluzyvEC&printsec=frontcover&dq=a+esc+ola+publica+n&hl=ptBR&ei=OWPITOHhf4u8Ab68zfBA&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CDQQ6AEwAA#v=onepage&q&f=false p. 232)>. Acesso em: 11/10/2010.

MARTINS, José do Prado. **Gestão Educacional: uma abordagem crítica do processo administrativo em educação**. 3ª ed. ver. atual. e ampl. Rio de Janeiro: Wak., 2007.

MASLACH, C.; SCHAUFELI & LEITER. **Promovendo o Envolvimento e Reduzindo o Burnout**. In Anais do VI Congresso de Stress da ISMA-BR e VIII Fórum Internacional de Qualidade de Vida no Trabalho. Porto Alegre: CD-ROM. 2001.

MATTAR, F.N. **Pesquisa de Marketing: edição compacta**. São Paulo: Atlas, 1996.

MERCADO, L.P.L. **Formação de professores: Política e profissionalização**. Alagoas: UFAL, 2004.

PEREIRA, B. **Burnout- quando o trabalho ameaça o bem estar do trabalhador**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

OLIVEIRA, A. A. R. **A eleição para diretores e a gestão democrática da escola pública: Democracia ou autonomia do abandono?** São Paulo: Alfa Omega, 1996.

OLIVEIRA, M.M.M. **Escola ou Empresa**. Petrópolis: Vozes, 1998.

PARO, V. H. **Gestão democrática da Escola Pública**. São Paulo: Ática, 1997.

SOUZA, E. S. A. **Síndrome de Burnout**. 2007. Publicada no Site Web Artigos. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/1180/1/A-Sindrome-De-Burnout/pagina1.html>>. Acessada em: 19/10/2010.

SAÚDE DO PROFESSOR. Mídia. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em :<<http://www.saudedoprofessor.com.br/Imprensa/260309.html>>. Acessado em 15/10/2009.

SCHUMPETER, J. **Capitalismo, Socialismo e Democracia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

TEIXEIRA, A.S. **Educação não é privilégio**. 2ª ed. ver. e ampl. São Paulo: Nacional, 1967.